

# **Episódios Notáveis Da História do Rotary Club do Rio de Janeiro**

(com base no livro “Retratos Históricos”  
dos companheiros FERNANDO REIS e  
FERNANDO ARAGÃO)

## A FUNDAÇÃO

Em 29 de janeiro de 1921, um grupo de homens de negócios e profissionais liberais fundou na cidade do Rio de Janeiro, o que se pretendia fosse o primeiro Rotary Club do Brasil. Rotary International, entretanto, ao receber o pedido de filiação do novo clube e verificado a predominância de nacionais de outros países entre aqueles dezessete membros fundadores, desaprovou a sua constituição e sugeriu que viessem a ser convidados mais brasileiros.

Os signatários daquela primeira ata logo se dispersaram e, somente em 15 de dezembro de 1922, quase dois anos depois veio o Rotary Club do Rio de Janeiro a ser, efetivamente, criado, mediante notável trabalho realizado por Heriberto Percival Coates, então membro do Rotary Club de Montevideú e representante do Rotary International para a fundação do primeiro clube em país de língua portuguesa. Dentre os seus fundadores, apenas Heberte Moses havia assinado a ata de 29 de janeiro de 1921: Richard P. Momsen, ausente do país, somente ingressou no clube onze meses mais tarde.

Cumpra destacar a atuação de Robert Shalders, secretário geral do clube durante os cinco primeiros anos. Shalders, por seu entusiasmo e persistência, foi, certamente, o grande responsável pela consolidação da nova unidade rotária e seu grande arquiteto.

## **GRANDES MUDANÇAS NO MUNDO**

Na verdade, o Clube do Rio criado em época de grandes transformações. Na velha Europa, o espectro da guerra parecia estar definitivamente afastado e os estadistas, debruçados sobre as mesas de negociações, teciam acordos e tratados, com os quais acreditavam assegurar a paz por que ansiava uma humanidade tão sofrida. Erasmo Braga, em nosso Clube, acompanhava de perto todas essas tratativas, apoiando-as ou criticando-as, mantendo os seus companheiros sempre bem informados.

## **NO BRASIL O PANORAMA CULTURAL**

O ano de 1922, que viu surgir o rotarismo no Brasil, foi particularmente significativo. Em São Paulo, na Semana de Arte Moderna, os artistas e intelectuais brasileiros rompiam com os estilos tradicionais, numa demonstração de maturidade da cultura de vanguarda em nosso país. A preocupação com a arte, no terreno da música, da pintura, da caricatura, da literatura, da poesia e do teatro, foi sempre uma constante entre os rotarianos. Todas as nossas grandes festas, como se verá adiante, foram sempre emolduradas com representações artísticas dos maiores nome da cultura brasileira, como Coelho Netto, Eleazar de Carvalho, Villa-Lobos, Bensanozi Lages, Stella Leonardos e tantos e tantos outros. Mas tínhamos também nossos próprios artistas: Lucílio de Albuquerque e sua esposa Georgina, cujos quadros acham-se ainda expostos no Museu de Arte Moderna, como obras características da pintura brasileira do século XX; Mattos Pimenta, o reformador da cidade; José Marianno Filho, que cuidava da preservação de nosso patrimônio histórico,

opondo-se a todos que quisessem ameaçar, inclusive a Lucio Costa, que, no seu entender, estava trazendo para o Brasil uma arquitetura inadequada ao nosso clima; Rodrigo Octavio Filho, o grande acadêmico e orador; Raul Pederneiras, o mestre da caricatura no Rio de Janeiro; Bastos Tigre, o poeta, somente para citar os primeiros.

## **A NOSSA IMPRENSA ROTÁRIA**

Como disse Alberto Amarantes em seu precioso livro *Contribuição à História do Rotary no Brasil*, editado em 1973 ao ensejo do aniversário de cinquenta anos do Rotary Club do Rio de Janeiro, pouco se sabe das atividades do clube durante os dois anos iniciais de sua vida, pois os seus anais somente começaram a ser escritos em 14 de novembro de 1924, com a publicação do primeiro boletim de suas reuniões, na época chamado *Notícias Rotárias*.

## AS MUDANÇAS NO RIO DE JANEIRO

Em nossa cidade, um novo Rio surgia em contraposição ao velho Rio das epidemias, que antes, até mesmo, lhe valera o apelido de “cidade necrópole”. A obra de Pereira Passos e de Oswaldo Cruz havia resultado numa metrópole saneada, com seus jardins, praças e boulevards clamando para serem exibidos a quem aqui chegasse. Para tal, um singular evento havia concebido, uma grande festa internacional, destinada a congregar gentes de toda a parte, a pretexto de se celebrar o aniversário de cem anos do Grito de Ipiranga. E foi certamente durante a grande Exposição do Centenário, em 1922, que os rotarianos fundadores, percorrendo encantados os imponentes pavilhões de cada nação, construídos especialmente na área que se tornou disponível com o desmonte parcial do morro do Castelo, encontraram inspiração para convencer empresários e governo a organizar, anos depois, um novo evento internacional, este já voltado, então, para a divulgação de nossos produtos e de nossa potencialidade econômica.

A Feira de Amostras do Rio de Janeiro, a primeira que se realizou no Brasil, perseguida que foi pelos rotarianos durante alguns anos, insere-se no rol das grandes realizações do Rotary Club do Rio de Janeiro em prol do desenvolvimento do Brasil. E quando a ideia finalmente se concretizou, foi no Pavilhão da Argentina que se fez realizar, no dia da inauguração, a reunião semanal do Conselho Diretor de nosso clube.

## **UM TEMA APAIXONANTE, NA ÉPOCA...E SEMPRE! AVIAÇÃO**

A década de vinte foi, também. A época das grandes aventuras aéreas, em que os heróis alados, “por ares nunca antes navegados”, ousaram rasgar céus e nuvens, mostrando aos pobres mortais que, maravilhados, os contemplavam, que o homem se tornara em um novo pássaro a voar, mas, nas palavras do poeta, num “pássaro com alma”. Gago Coutinho, que naquele mesmo memorável ano de 1922 realizara a primeira travessia aérea sobre o Atlântico Sul, unindo o Tejo à Guanabara,

para a glória da brava gente lusitana, sempre que esteve no Brasil, frequentou as reuniões de nosso clube. Seus relatos entusiasmavam a todos e, saciando a sede dos rotarianos com relação às novas aventuras aéreas, permitia que se acompanhasse, mais de perto, os reides de Ramon Franco, Pinedo, Del Prete, Lindberg e tantos outros. Na década seguinte iria Gago Coutinho trazer-nos o Dr. Ugo Eckner, que, comandando o Graff Zeppelin, chegava ai Rio navegando com o sextante inventado por seu amigo almirante português e, podemos dizer, seu anfitrião em nosso clube. O interesse pelo dirigível foi tanto, que alguns rotarianos e jornalistas brasileiros logo se propuseram a viajar pelo mundo naquela aeronave sem asas, entre eles Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, a Rainha dos Estudantes, esposa de nosso companheiro Marco Carneiro de Mendonça. Mais tarde, ainda com a lembrança viva nas imagens deslumbrantes que, lá dos céus, pôde ver, escreveu um livro chamado Quatro Pedacos do Planeta no Tempo do Zeppelin, em que divide com quem quer que o leia aquela bela e singular experiência.

O amor pela aviação não durou apenas uns poucos momentos. Logo os rotarianos perceberam que estavam no limiar de um novo tempo e para que não se sentissem ultrapassados, logo propõem como sócios do clube dois grandes aviadores do Brasil: Godofredo Vidal que, pouco anos antes, participara do histórico reide sobre os Andes, e Antonio Guedes Muniz, hoje considerado o Patrono da Indústria Aeronáutica Brasileira. Quantas e quantas reuniões plenárias de nosso clube foram enriquecidas com palestras sobre aviação.

## **TEMAS E PROBLEMAS DA NOSSA COMUNIDADE**

Mas as atividades dos rotarianos não eram tão somente contemplativas ou acadêmicas. Muito pelo contrário, pois os grandes problemas da época, como o das enchentes, do abastecimento de água, do desenvolvimento da soroterapia no Brasil, da remodelação da cidade, da preservação de monumentos e edifícios históricos, da merenda escolar, da higiene nas novas construções que chamavam de arranha-céus, das favelas,

do sufrágio universal feminino, da necessidade de se usar cheques, etc., eram exaustivamente tratados. Para isso, personalidades ilustres foram convidadas para expor e discutir toda essa problemática, tais como Paulo de Frontin, Vital Brasil, Carlos Chagas, Felix Pacheco, Ataulfo de Paiva, Gastão Bahiana, Lindolfo Collor, Cândido Rondon, Pedro Ernesto, Assis Brasil, Geremário Dantas, Prado Júnior, estes citados já que não poderemos mencionar todos. Também as grandes questões sobre os direitos da mulher foram objeto de grande interesse de nossos programas e, para que se pudesse tratar dos problemas em toda a sua extensão, ocuparam, também, a nossa tribuna as senhoras Bertha Lutz, Jerônima Mesquita, Stella Duval, Mary Dingman, Eugênia Hamann e Anna Amélia.

## O IDEAL ROTÁRIO SE PROPAGA

É bom que nos lembremos, ainda, que foi na década de vinte que o rotarismo de fato se manifestou com toda a sua força em nosso país, com a fundação de outros clubes. Assim é que foram criados: o RC de São Paulo (1924); RC de Santos (1927); o RC de Belo Horizonte (1927); RC de Juiz de Fora (1928); RC de Niterói (1928); RC de Campos (1928); RC de Porto Alegre (1928); RC de Pelotas (1928); RC de Rio Grande (1928) e RC de Ribeirão Preto (1929). Este último, assim como os de Montes Claros (1926) e Friburgo (1930), encerrara posteriormente suas atividades, para renascerem mais tarde. Se a década de vinte testemunhou o nascimento do movimento rotário no país e sua caminhada em direção às principais cidades do sul, na década de trinta, célere, ele se expandiu para o norte. Iniciando-se com o RC de Recife em 1931, já em 1934 alcançaria Manaus.

## **A EXPANSÃO DE ROTARY NO RIO DE JANEIRO**

No que concerne à marcha do rotarismo no Brasil, há de se mencionar o surgimento de outros clubes em nossa cidade, dentre mais de uma centena criados por esse país a fora. Na crista dessa grande onda, foram fundados, em 1949, o Rotary Club de Copacabana, dos saudosos Paulo Bastos e Darcy, organizado pelo nosso companheiro Lowndes; e o Rotary Club Tijuca, de Regalla e de Marino, o clube que já nasceu pronto. Os dois outros afilhados, os Rotary Clubs de São Cristóvão e Botafogo, que nos dariam Fritz Weber, Genival e Loja, somente apareceriam em 1953 e 1955.

## **NOSSO CLUBE E O PANAMERICANISMO**

Há de se falar, entretanto, no entusiasmo como que os rotarianos viveram um pan-americanismo intenso, liderados pela figura impar de Juan Albertotti, que, argentino de nascimento, dizia-se do mesmo modo uruguaio e brasileiro. Todavia as relações entre alguns outros países sul-americanos não eram, igualmente, estreitas e cordiais e, por isso, a atuação do Rotary Club do Rio de Janeiro, juntamente com seus coirmãos do Prata, se fez necessário. Podem os rotarianos de hoje se orgulhar do esforço magnífico então desenvolvido, compartilhado, inclusive, pelos rotarianos dos próprios países em litígio.

Quando da passagem da década, o Tratado Tacna-Arica, consubstanciando uma solução arbitral, já havia sido firmado, pondo fim a uma disputa de fronteiras entre Chile e Peru, o que foi motivo de regozijo para os rotarianos do nosso clube.

Também foram objeto de grande alegria a assinatura do Tratado Mangabeira-Ortiz, terminando uma questão de fronteira, entre a Colômbia e o Brasil, que durou quase três séculos; e a solução para o incidente Peru-Bolívia, envolvendo Letícia, para o que foi proveitosa a interferência do R.C. do Rio de Janeiro. Outras disputas, entretanto, já se prenunciavam como inevitáveis. Por essa razão, expediu o nosso clube, através de seu Presidente Edmundo de Miranda Jordão, em outubro de 1933, uma mensagem a todos os clubes de Rotary do continente, conclamando a todos que contribuíssem para a pacificação da família sul-americana. Na oportunidade, convém recordar que, anteriormente, em 24 de dezembro de 1926, em nome da fraternidade universal, Oscar Weinschenk, nosso presidente, enviou mensagem a todos os clubes de Rotary do mundo, num total de 2.700.

Não obstante o desejo de todos, um grave conflito veio a eclodir, envolvendo o Paraguai e a Bolívia, conhecido como a Guerra do Chaco Boreal. Nesse episódio, mais uma vez atuou o Rotary Club do Rio de Janeiro com

objetividade e firmeza, colocando-se na posição de mediador na disputa. Deve-se mencionar, por justiça, a atuação das unidades rotárias de outros países sul-americanos (principalmente Uruguai e Argentina, nessa importante iniciativa pela paz. As cartas, os apelos, as propostas endereçadas às partes envolvidas, encaminhados através das unidades rotárias dos diversos países sul-americanos, estão transcritos, em pormenores, em nossos anais, e podem afiançar o quanto tudo isso contribuiu para o fim do conflito e, em especial, para que os prisioneiros de guerra fossem tratados com mais generosidade.

## **AINDA O PANAMERICANISMO**

Mas se falamos de lutas e conflitos, urge falar também dos momentos sublimes de solidariedade continental. Cumpre pois lembrar a visita do General Agustin Justo, Presidente da Argentina, ao Brasil, máxime porque, naquela ocasião, foram firmados, no Rio de Janeiro, doze importantes tratados, dentre os quais o Tratado Antibélico de Não Agressão e Conciliação, que, pelo seu alto significado, suscitou do companheiro Juan Albertotti as seguintes palavras: "Não há mais barreiras, não há mais duas nações: somos uma única nação." Releva enfatizar que S. Exa., o General Justo, a despeito de sua ocupadíssima agenda oficial, demonstrou especial apreço pelos rotarianos, recebendo-os em audiência no Palácio Guanabara. E é bom que se saiba que cinquenta de nossos companheiros participaram desse evento.

A memorável visita do General Justo é retribuída por Getúlio Vargas em 1935, exatamente quando aquele país celebrava, com grande pompa, em 25 de maio, mais um aniversário de sua independência. Houve ali, foram manifestações populares nunca vistas anteriormente. Foram tão fortes essas emoções e sinceros os sentimentos que, em 1942, quando o Brasil declarou guerra aos países do eixo, mantendo-se neutra a Argentina, aquele mesmo Agustin Justo apresenta-se ao Governo do Brasil, como general honorário de nosso exército, disposto e pronto para combater ao nosso lado.

## **NOSSO ROTARY E O BRASIL DA DÉCADA 1930**

Também experimentou o Brasil, naquela década, os seus próprios conflitos e angústias. Em 1930, lamentamos a humilhação de Julio Prestes, ao receber, na Europa, a notícia da deposição de Washington Luiz, exatamente quando era recebido pelos maiores estadistas do velho mundo, na qualidade de presidente eleito do Brasil. Pouco depois, durante a Revolução Constitucionalista de 1932, que "ceifou a mocidade cheia de esperança e a velhice plena de experiência", não se limitaram os rotarianos a demonstrar o seu pesar pelo derramamento de sangue de tantos brasileiros, observando momentos de silêncio no início de suas reuniões plenárias. Na verdade, respondendo aos apelos dos rotarianos de outros estados, assim como de Buenos-Aires, empreendeu o clube um notável trabalho de mobilização de todas as forças vivas da nação, na busca de um honroso entendimento que pudesse por fim à luta fratricida.

E assim, representando também toda a sociedade brasileira, dirigiu-se aos responsáveis pela vida pública do país e aos constitucionalistas, em particular, transmitindo-lhes apelos de paz e de concórdia. E sendo Ministro Interino da Justiça o Dr. Francisco Campo, rogou o clube a S. Exa. que permitisse ao serviço oficial de rádio transmitir notícias relativas à saúde entre as pessoas aqui residentes e seus familiares em São Paulo, já que haviam sido cortadas todas as comunicações entre as duas cidades. Esse pedido foi atendido em 24 horas, e em decorrência das circunstâncias, graças ao trabalho de nosso clube, foi possível levar-se um pouco de tranquilidade e de paz a centenas de famílias. Em 1935, o Almirante Álvaro Alberto, pai da energia nuclear no Brasil, então presidente do clube, quebrando o protocolo e levando os rotarianos às lágrimas, sacou de nossa panóplia o Pavilhão Nacional, para desfraldá-lo, vibrante e demoradamente, sobre o plenário, numa demonstração cívica de revolta e de dor pelos que, na véspera, haviam tombado vítimas da Intentona Comunista de novembro daquele ano.

## **A CONVENÇÃO MUNDIAL DE ROTARY NO RIO DE JANEIRO**

A Convenção Internacional do mundo rotário em nosso país, desejada pelos rotarianos desde 1926, realiza-se, finalmente, na cidade do Rio de Janeiro, nos dias 16 a 20 de maio de 1948, congregando cerca de 8.300 rotarianos, dos quais 2.330 de 35 diferentes países. Tudo foi preparado com carinho e esmero e o programa se iniciou com o desfile triunfal do Presidente do Rotary International S. Kendrick Guernsey, e sua esposa pelas ruas do centro da cidade em carro aberto, sob os aplausos vibrantes dos cariocas. A abertura solene da Convenção, no Estádio do Fluminense, contou com a presença, mais uma vez, do Marechal Eurico Dutra e do Prefeito Ângelo Mendes de Moraes, ambos merecedores do respeito e da admiração dos rotarianos, pelo irrestrito apoio que deram à Convenção, razão por que, logo depois, foram proclamados sócios honorários do Rotary Club do Rio de Janeiro.

Nos jardins e andar térreo do Edifício do Ministério da Educação, no Castelo, na ocasião obra prima da arquitetura moderna brasileira, foi instalada a Friendship House (Casa da Amizade), local tradicional, previsto em todas as convenções internacionais do Rotary, destinado a acolher as esposas dos rotarianos, permitindo conhecerem-se melhor, umas as outras, e usufruírem momentos de intenso companheirismo. Ali, sentadas em mesinhas artisticamente postas, à sombra de guarda-sóis protetores, deliciaram-se as de fora saboreando iguarias típicas da cozinha nacional, regadas a guaraná, sucos tropicais e água de coco, ao mesmo tempo em que escutavam músicas brasileiras. Esse evento viria a influenciar o nome que foi dado, mais tarde, às associações filantrópicas criadas pelas esposas dos rotarianos do Brasil, que as chamaram de Casas da Amizade. Além da parte rotária propriamente dita, desenvolvida nos Teatros Municipal e Fênix, uma para ouvintes de língua inglesa e o outras de língua portuguesa, quando os assuntos de interesse da instituição foram discutidos exaustivamente, todo um elenco de festejos foi

previsto para que se pudesse divulgar  
Cumpramos lembrar que, naquele tempo, não havia,  
convenientemente as coisas do Brasil.

senão o Touring Club que conosco sempre se associava para esse fim, órgãos oficiais de promoção de turismo, o que valoriza ainda mais o esforço do Rotary em mostrar aos visitantes toda a nossa beleza tropical. A Friendship House, nos jardins do Ministério da Educação, já mostrara a hospitalidade de nossa gente e a delícia da cozinha brasileira. Era preciso, também, que eles vissem, mais de perto, o encanto das noites cariocas na Baía de Guanabara. Para isso foi concebida a Festa Veneziana. E não houve quem se esquivasse de colaborar. Escolhido o local, a enseada do Flamengo, ali fundearam, ao largo, navios da Marinha de Guerra, embandeirados em arco. De dia as bandeiras coloridas de seus regimentos de sinais demarcavam-lhes a forma; á noite, as luzes das gambiarras ressaltavam ainda mais suas silhuetas. Ao longo do cais, sobre as calçadas, a Prefeitura armou largas arquibancadas para que o povo do Rio de Janeiro pudesse também participar do espetáculo.







E a festa se inicia com o desfile de lanchas e barcos pequenos, trazendo a bordo visitantes, rotarianos e autoridades. Navegando na raia que fora balizada, entre os navios iluminados e a amurada do Flamengo, sob o foco dos holofotes do Exército dispostos nos extremos da praia, eram todos vibrantemente aplaudidos, pois o esplendor era por demais contagiante. E, por fim, de bordo dos navios, uma salva de fogos de artifício transforma aquela visão num cenário de magia e sedução inesquecível, para os da terra como para os visitantes d'além mar. Valdir da Rocha, nosso sábio companheiro e sócio honorário, que ainda guarda na memória a beleza daquela noite, nos diz sempre que a Festa Veneziana foi realmente o evento que popularizou o Rotary em nossa cidade. Os convencionais tiveram outros grandes momentos de convívio social: a tarde no Jockey Clube; a recepção do Presidente Guernsey no Palácio Guanabara; e o Garden-Party oferecido pelo Prefeito na Gávea.

E como não podia faltar momentos de ternura e arte, embora, na Abertura da Convenção, no Fluminense, já tivesse havido apresentação cênica de passagens notáveis de nossa História, acompanhada pelo concerto sinfônico da Orquestra do Teatro Municipal, sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho, promoveram ainda os rotarianos uma outra surpresa, a chamada Noite Brasileira. Na Quinta da Boa Vista foi armado um grande palco, para o que não faltaram os elementos da própria natureza, inclusive uma ilhota centre do lago. Quatro orquestras, dois grandes conjuntos corais e 250 moças e rapazes de nossa sociedade encheram aquela noite com números artístico e danças regionais de rara beleza. A Convenção do Rotary International no Rio de Janeiro foi um evento grandioso, tanto sob o ponto de vista rotário, como pelo aspecto de divulgação de nossas tradições, de nossa cultura e da beleza da terra brasileira.

## **HOMENAGEM AOS “BRASILEIROS NATIVOS”, OS ÍNDIOS.**

Estamos agora no ano de 1958 e já há trinta e cinco anos vinham os rotarianos do clube entendendo-se com gente de todas as nacionalidades, raças e crenças, na busca da compreensão mundial. De fato, os registros indicavam que presidentes, ministros, escritores, artistas, cientistas, príncipes e heróis haviam sido convidados para apresentar suas ideias e discuti-las em plenário, onde foram sempre recebidos com muita fidalguia e a quem haviam sido prestadas justas homenagens. Houvera sido um bom trabalho, exatamente o que Rotary desejava. Por certo ninguém havia sido esquecido e, por isso, todos estavam muito felizes naquele início de ano. Mas, de repente, dão se conta de que alguém não havia sido lembrado, alguém muito especial, exatamente os donos da terra, os primeiros brasileiros, aqueles a quem hoje chamamos de povos da floresta.

A falha precisava ser corrigida e disso encarregaram-se Antonio França Filho, Presidente do clube, e o rotariano Emilio Lourenço Filho. E que tarde inesquecível. Na reunião de 3 de janeiro de 1958, na mesa de honra, ao lado de França Filho, era anunciada pelo diretor de Protocolo a presença do missionário Roberto Butler e, a seguir, Tipé e Tirimissi, da tribo dos Xavantes, e Cotaria e Orrori, da tribo dos Carajás, com suas indumentárias características e com armas de caça e de guerra. Sobre aquela reunião, nada precisa ser dito, senão o que está registrado na ata dos trabalhos do dia, cuidadosamente guardada em nossos arquivos: "convido agora para virem ao microfone os dois índios Carajás, que vivem na ilha do Bananal, à beira do rio Araguaia. A ilha fica entre dois braços do rio Araguaia. Cotari e Orrori já falam o português. Têm eles um sinal em círculo no rosto, que constitui uma característica da tribo. A indumentária que estão usando é a dos solteiros. A proteção que usam no pulso também serve para prender as setas.

As cordas que usam para prender a seta no momento do arremesso, jogam estas com violência para o pulso. As outras cordas são mesmo enfeites. Como veem, trazem eles parte de suas armas de guerra. Os Carajás vivem com o missionário Robert Butler no posto do rio das Mortes e já estão em contato com a civilização há vinte anos. Cotaria e Orrori vão cantar para os companheiros alguma coisa típica, em sua língua (...) (recebem aplausos e uma flâmula). Agora, os dois xavantes Tipé e Tirimissi, que ainda não falam português. O que apresentam de mais interessante é a cabeleira. Usam ossos de tamanduá-bandeira para cortá-las em franja até as orelhas, deixando a parte de trás caída sobre os ombros. Usam nas orelhas estes enfeites de madeira, à guisa de brincos. Também arrancam as pestanas e a esta altura da vida não têm mais sinais delas. Tirimissi tem 16 anos e Tipé 17. São fortes e robustos. Com este pau, que chamam borduna, defendem sua casa e conseguem carne para o sustento, abatendo porcos do mato. Também têm cantos típicos. Vão cantar também para os rotarianos."

Eis, pois, o que se passou naquele dia, nas palavras de Emilio Lourenço preservadas na memória do clube. Uma reunião como essa não poderá ser repetida, pois os índios de agora já não são mais tão inocentes, utilizam-se de gravadores para comprometerem políticos não muitos leais, e, ademais, já se tornaram latifundiários de extensas glebas, que exploram com suas inteligências, máquinas e aviões.

## UM TEMA MAIOR: A EDUCAÇÃO

Houve um assunto, entretanto, que sempre mereceu prioritária atenção por parte dos rotarianos, qual seja o da educação. João Kopke, a convite do clube, teceu comentários sobre a falta de uma literatura brasileira destinada à infância e à juventude, já que os livros de Monteiro Lobato e Viriato Correia somente apareceriam mais tarde. Sensibilizado com os comentários daquele grande educador e liderado pelo nosso companheiro Edmundo de Miranda Jordão, e outros, desenvolveu o clube inúmeros projetos na área da educação. A partir de 1926, e durante sete anos, vinte e quatro escolas públicas municipais receberam das mãos dos rotarianos, em comoventes solenidades, bibliotecas completas, com mais de uma centena de livros, organizados segunda lista sugerida pelo próprio João Kopke, acondicionados em estantes de madeira de lei doadas também pelos rotarianos. Por outro lado, a partir daquela data e por muitos anos, o Rotary Club do Rio de Janeiro

organizou, anualmente, no Teatro Palácio e, simultaneamente, noutras casas de espetáculos, para abrigar milhares de crianças carentes de nossa cidade, as chamadas Festas das Cadernetas Escolares. Durante esses eventos, entretinha-se a plateia com as jocosas caricaturas desenhadas, na ocasião, pelo nosso companheiro Raul Pederneiras, com a exibição de desenhos animados, com a execução de marchas e dobrados pela Banda de Música do Corpo de Fuzileiros Navais e com as graças e acrobacias dos clowns do circo Sarrasani. As senhoras dos rotarianos distribuíaam a todos refrigerantes e farta merenda. Ao final, os alunos que mais se haviam destacado em suas classes eram chamados e recebiam, um a um, das mãos dos rotarianos, uma Caderneta da Caixa Econômica com a importância depositada de 50\$000. Paul Harris, em 1936 assistindo a uma dessas solenidades, que naquele ano premiava 227 alunos, dentre os 5000 reunidos em diversos teatros do Rio de Janeiro, comoveu-se a ponto de não poder conter as lágrimas,

confessando pouco depois, ter sido aquele dia um dos mais felizes de sua vida. Essas solenidades, anos mais tarde, passaram a ser realizadas nas próprias escolas, já com o nome de Festa do Melhor Companheiro. José Moutinho Duarte, saudoso rotariano do Rotary Club Rio de Janeiro - Ramos, Governador 1983-84, ainda se orgulhava da bandeira brasileira com que foi premiado como o melhor companheiro de sua classe, eleito por seus próprios coleguinhos, numa dessas ocasiões. É impossível enumerar todos os projetos desenvolvidos pelo clube em prol da educação, mas não podemos deixar de lembrar a Cruzada contra o Analfabetismo, presidida por Miguel Couto, por indicação do clube, que logo angariou total apoio da imprensa e de toda a sociedade. Também as campanhas do Copo de Leite, da Merenda Escolar e da Construção da Escola Rotary, esta concretizada mais tarde para celebrar os 25 anos do rotarismo no Brasil.

A EDUCAÇÃO A ESCOLA ROTARY Numa época realmente muito rica em realizações, não menos importante foi a doação da Escola Rotary da Ilha do Governador à Prefeitura do Distrito Federal, com o que se marcou, indelevelmente, o Jubileu de Prata do rotarismo no Brasil. A Escola Rotary não foi construída em um dia, nem tampouco em um ano. Entre a ideia inspiradora, surgida em 25 de novembro de 1927, quando da 1ª Convenção Rotária Brasileira, dirigida a todos os clubes então existentes, no sentido de que cada um deles viesse a doar à sua cidade um estabelecimento de ensino primário, e a sua concretização no Rio de Janeiro, em março de 1948, decorreram cerca de 20 anos. Quando a proposta foi apresentada em 1927, nosso saudoso companheiro Richard Monsen entregou ao Presidente Miranda Jordão um cheque no valor de um conto de reis, com o qual se constituiu um fundo especial para a obra pretendida. E a partir daí, a pouco e pouco, novas contribuições foram surgindo, campanhas foram realizadas, até que, amealhada a quantia de Cr\$ 700.000,00, foi possível construir e entregar, em maio de 1948,

ao General Angelo Mendes de Moraes, Prefeito da Capital, a nossa querida Escola Rotary do Ilha do Governador. Dizem os anais que o nosso então presidente, Waldemar Luz, estava entregando à cidade, "em amplo terreno circundado de árvores frondosas (...), com salas amplas, perfeitamente adaptadas ao fim a que iriam se destinar, possuindo todos os requisitos modernos para estabelecimentos congêneres e com acabamento perfeito" aquele estabelecimento de ensino prometido em 1927. Em 1956 a Escola Rotary foi ampliada, também pelo Rotary Club do Rio de Janeiro, e o clube colaborou por muito tempo com a sua manutenção, contando com o inestimável apoio dos clubes rotários da Ilha e, dos Fuzileiros Navais de nossa Marinha de Guerra. No dia da entrega, simbolizando a amizade, foi plantado um exemplar de magnólia, "em cuja sombra desejavam os rotarianos ver abrigadas as crianças, que ali iriam ser moldadas no culto das virtudes, do amor à pátria e do respeito à religião."

## **UM TEMA "ANTES DO TEMPO": ECOLOGIA BENEFÍCIOS PERMANENTES PARA NOSSA CIDADE**

No campo da ecologia, ainda quando esta palavra não havia sido incorporada à língua dos homens, o Rotary Club do Rio de Janeiro encetou uma grande campanha no sentido de que a área de aterro, compreendida entre o Hotel Glória e o Calabouço, fosse preservada. Para felicidade de todos, de ontem e de hoje, o Prefeito Alaor Prata compareceu a uma de nossas reuniões, em 9 de julho de 1926, para anunciar que, a despeito das dificuldades financeiras por que passava a prefeitura do Distrito Federal, toda a área em questão não mais seria loteada e edificada, mas transformada em jardins. A cidade do Rio de Janeiro deve, pois ao seu primeiro Rotary Club, célula mater do rotarismo no Brasil, o Largo do Russel, a Praça Paris e todos aqueles jardins maravilhosos que tanto embelezam nossa cidade.

## **NOSSO CLUBE A CRIAÇÃO DE UM SÍMBOLO**

Outro acontecimento memorável foi a visita que nos fez o Eng<sup>o</sup> Silva Costa, em agosto de 1927, para falar sobre a obra que iniciara e que se constituía no ideal maior de sua vida, qual seja a de dotar o Pico do Corcovado com um monumento que viesse a ser o símbolo da cidade, assim como a Torre Eiffel o é de Paris. Confidenciou-nos, então, que a ideia inicial fora a de erigir uma cruz, uma gigantesca cruz, que pudesse ser vista por todos, de terra ou do mar. Mas se a cruz é a imagem perfeita da "simplicidade, da simetria e da espiritualidade," precisava ela ter alma e vida, o que exigia que tomasse a preciosa forma do divino personagem da redenção. E que pudesse envolver a todos num largo e divinal abraço.

## **ECOLOGIA – UMA ÁRVORE BRASILEIRA PERCORRE O MUNDO**

No ano de 1956, na presidência de Ildefonso Lardosa, dois fatos merecem destaque: a viagem da Árvore da Amizade e a Campanha Mantenha a Cidade Limpa, de que falaremos entre as grandes campanhas. O primeiro foi de rara beleza. Conhecendo Ildefonso o Capitão de Fragata Thoríbio Lopes, oficial de marinha de muito talento e cultura, embarcado no Navio-Escola Duque de Caxias, que deveria zarpar para uma viagem ao exterior com nova turma de guardas marinha, conceberam os dois a feliz ideia de embarcar, também, naquele vaso de guerra, uma muda de pau-ferro, árvore nativa do Brasil, para ser exibida em todos os países que seriam visitados. O plano foi aprovado e aquela plantinha, cuidadosamente entregue à nossa Marinha, experimentou a sensação maior da internacionalidade.

Enfrentando ventos de todos os quadrantes, reverenciada, na palavras de Rodrigo Octavio, "pelo respeito da brava Maruja Brasileira, que nela contemplava um pedaço vivo do Brasil, singrou quase todos os mares: o Atlântico Norte e Sul, o Mediterrâneo, o Tirreno, o Jônico, o Egeu, o Mármora e o Nórdico. Com o Duque de Caxias fundeou no Bósforo e avistou Constantinopla; atravessou os estreitos de Gibraltar, Dardenelos, Messina, Sund, Kategat e Skagerrak; navegou pelos rios Elba, Mass, Tejo e Delaware; bordejou por praias e portos da França".

Finalmente, no dia 22 de março de 1957, sob os olhares atentos das mais altas autoridades e embaixadores de 13 países, a árvore viajante, já de volta ao Brasil, foi transplantada para um canteiro que lhe fora preparado na praça Mauá e adubada com terras da Alemanha, de Cuba, da Dinamarca, do Egito, dos Estados- Unidos, da França, da Grécia, da Itália, da Noruega, de Porto-Rico, de Portugal, da Suécia e da Turquia, que foram trazidas, em artísticas urnas, de cada um dos países visitados.

Esse fato singular, de tão sublime significado, testemunhado pelos companheiros Hélio Barata e Fernando Reis, ambos embarcados no Duque de Caxias, não teve todavia um final feliz. Aquela árvore, chamada da Amizade, veio a ser inopinadamente abatida, em nome do progresso, por ocasião da remodelação da Praça Mauá para a passagem do Viaduto da Perimetral. Coisas da civilização.

## O ARBORETO ROTÁRIO

Em 16 de maio de 1953, cumprindo plano apresentando pelo companheiro Marcos Carneiro de Mendonça, o Rotary Club do Rio de Janeiro, presidido pelo Almirante Dodsworth Martins, promove, nas matas da Tijuca, a inauguração do nosso primeiro Arboreto Rotário, onde foram plantados exemplares da flora de países de todo o mundo. Em 17 de janeiro de 1958, ainda sob a direção de França Filho, foi o Arboreto Rotário, criado pelo clube na Floresta da Tijuca em 1951, transferido para o Horto Florestal. O replantio foi também realizado em bonita cerimônia, a que não faltaram autoridades, vibrantes discursos e hasteamento de bandeiras nacionais. Mais uma vez, fez-se presente a poetisa Stella Leonardos e seu talento, dizendo, entre muitos versos: "As mãos não foram feitas para pedir. Foram feitas para apertar outras mãos".

Quiseram os fados, entretanto, que o segundo Arboreto Rotário também não se perpetuasse, pois, naquele mesmo sítio, anos depois, foi erguido um edifício para alojar as instalações do SERPRO. Somente em 1990, no dia 13 de novembro, para celebrar o Lançamento da campanha Preserve o Planeta Terra de Rotary International, obteve o clube uma nova área para o seu bosque rotário, graças ao trabalho de Mauro Viegas junto ao Dr. Wanderbilt Duarte de Barros, Superintendente do Jardim Botânico. O próprio Paulo Viriato presidiu a solenidade e mudas de pau-brasil e outras espécies foram plantadas. A revista The Rotarian divulgou esse ato ecológico por todo mundo. No ano seguinte, o Governador Francisco Parente, por sugestão de Mauro Viegas, transferiu para todos os clubes do distrito 4570, especialmente para o Rotary Club do Jardim Botânico, a responsabilidade pela guarda do arboreto, colocando no local uma placa alusiva ao assunto.

## **GRANDES CAMPANHAS DO NOSSO CLUBE**

Evento, que aconteceu em 23 de novembro de 1956. Foi a Campanha Rotary Club Mantenha a Sua Cidade Limpa, promovida juntamente com os Rotary Clubs de Copacabana, Tijuca e Botafogo. A primeira cesta, de um total de cem adquiridas naquela ocasião, com o nome da campanha gravada em placa a elas aposta, foi colocada pelos rotarianos na Rua do Passeio, em solenidade que contou com a presença do Prefeito da cidade. Destacaram-se, pelo trabalho de divulgação do evento, os nossos companheiros Moraes Sarmiento e Roberto Petis Fernandes, este, na época, ainda membro do Rotary Club de Botafogo. Campanhas semelhantes foram realizadas em 1960 e 1967.

## **NOSSO CLUBE HOMENAGEIA A RECÉM CRIADA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU)**

Outro importante evento internacional de grande significado, coordenado, também, por José Garcia Pacheco do Aragão, ocorreu em nosso plenário em 1949, quando a bandeira da ONU foi entregue ao presidente de nosso clube, em reunião solene do dia 21 de outubro, para que tremulasse, pela vez primeira, em terras da América do Sul, presentes o Marechal Eurico Dutra, Presidente da República, o Chanceler do Brasil, Dr. Oswaldo Aranha, ministros de estado, corpo diplomático e altas autoridades. João Pedro Thomas Pereira, nosso então presidente, lembrando se ainda do talento insuperável de Stella Leonardos, saudando as nações na Festa da Vitória, convida-a para que novamente viesse fulgente emprestar ao Rotary o valor de sua poesia. E suas palavras naquela ocasião ainda ressoam, magníficas, no ouvido de quantos tiveram a felicidade de escutá-la: "Meus amigos. Deixai que eu vos fale (...) o mundo sobrevive. O mundo que morria (...) ONU-laço de união. ONU-paz coletiva.

Que entoes sempre o cântico de Hosana. E que tornes feliz esta existência insana (...) Que todos sejam irmãos sem que haja preconceito. Para que o fraco encontre apoio no Direito (...) E que em vez de canhões surjam escolas e altares, estradas e hospitais (...) Desfralda-te bandeira (...) Que possa o teu azul exprimir céu e terra. Que possa o branco teu ser paz universal (...) Que sigas aclarando o destino dos povos, apostilando o bem e libertando vidas. Por um mundo melhor, a ti, Nações Unidas." Querida Stella Leonardos, podes estar certa de que a força e o esplendor de teus versos, tão carregados de humanismo e solidariedade, concebidos, em teu coração, a pedidos de nós outros rotarianos, engalanaram de tal sorte aquelas duas inolvidáveis festas, como o fizerem em outras ocasiões, que podemos afirmar, contritos e sinceros, que sem eles a História de nosso clube, em particular, e do rotarismo no Brasil, seria bem menos rica.

## **NOSSO CLUBE E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL A FESTA DA VIÓRIA**

Eis que chega, para alegria de todos, naquele ano de 1945, considerado, por muitos, o limiar da era tecnológica, mas também o ano da paz e da esperança. E se havíamos participado, com o nosso pequeno quinhão, do esforço de guerra, deveríamos, sobretudo, ao renascer da paz, celebrá-la com honras e grandiosidade. Para tal, o Rotary Club do Rio de Janeiro, sob a presidência do grande líder e anfitrião que foi José Pacheco do Aragão, decidiu promover, no Teatro Municipal, no dia 29 de junho, uma das mais belas cerimônias cívico-culturais já realizadas em nossa cidade, não apenas pela presença das mais seletas autoridades, como também pelos grandes artistas brasileiros que dela participaram, pelo alto significado histórico que a inspirou e pela grande emoção que a todos envolvia.

Naquela ocasião, os vibrantes discursos de Aragão e Rodrigo Octavio, os versos dos companheiros Bastos Tigre e Noraldino Lima, um saudando os heróis que voltaram e o outro pranteando os que tombaram na luta, logo no início da solenidade, já diziam da beleza do que estava para ser apresentado naquele espetáculo tão bem cuidado. Em seguida, a orquestra sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho, executava árias de Carlos Gomes e, logo depois, a Ouverture 1812 de Tchaikowsky. Ouvia-se, a seguir, o canto mavioso de Gabriela Benzasoni Lage com a Habanera da ópera Carmem de Bizet e o poema em homenagem a Churchill recitado pelo acadêmico Filinto de Almeida, que, num certo trecho, dizia "Se há quem nele veja o homem que aferra pela gorja o inimigo e o fere e o abate. Eu vejo muito mais - vejo a Inglaterra".

A plateia mal podia respirar de emoção. Eis que se ouve então a voz de poetisa Stella Leonardos declamando versos entremeados de glória e de dor, falando de Tcheco-Slováquia, Polônia, Inglaterra, Canadá, França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Noruega, Grécia,

Iugoslavia, Rússia, Estados-Unidos e Brasil. E à medida que se referia a cada um desses países, no grande palco, em cenários que se sucediam e se sobrepunham, com efeitos visuais até então jamais vistos, senhoritas da sociedade carioca, portando as bandeiras das nações, lembravam episódios vividos e sofridos por cada uma delas durante o conflito. Tudo, enfim, contribuía para "deixar a assistência, de um lado, em profundo êxtase e, de outro, em indizível sobressalto com receio de que toda aquela beleza fosse acabar". De repente o Municipal fica às escuras. Logo depois os refletores dirigem focos de luz em direção às duas alas laterais da plateia, por onde entram, garbosos, em formatura de coluna, marinheiros, aviadores, fuzileiros navais e soldados do Brasil, como que abraçando os rotarianos e convidados, prestando-lhes continência. Mas logo eles desaparecem, em novo jogo de luzes, para aparecerem finalmente, sobre a ribalta, como guardas de honra do "Pantheon da Vitória", formado pela bandeira de todas as nações aliadas, sob o domínio da imagem da paz.

Esse o final "deslumbrante, féerico, indescritível," da Festa da Vitória. E é bom que sempre tenhamos em mente as palavras proferidas por Rodrigo Octavio naquele dia: "Amigos! Cantemos a Vitória!

Lembremos Roosevelt, todavia. A estrutura da paz universal não pode ser constituída por um só homem, por um só partido ou por uma só nação. Não pode ser uma paz americana, britânica, russa, francesa, ou chinesa. A paz exige o respeito e a colaboração de todos os países do mundo." E meditando hoje sobre o programa dessa grande festa, somos levados a crer que a introdução de música de Tchaikowsky, retratando a Batalha de Borodino, foi posta para que as gerações futuras entendam que não vale a pena a porfia, pois o inimigo de ontem poderá ser o grande amigo de hoje, como foram França e Rússia, em 1812 e em 1945, e assim como o Brasil e a Alemanha, em 1942 e em 1993.

## **NOSSO CLUBE E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL O APOIO DOS ROTARIANOS**

Os anos quarenta e as notícias sobre a guerra na Europa eram cada vez mais preocupantes. As invasões sucessivas de países amigos, o fechamento de tantos e tantos clubes de Rotary, a guerra submarina, os bombardeios aéreos, tudo enfim contribuía para tornar aquele período o mais angustiante de tantos quanto vivemos. O conflito ainda não nos havia atingindo, mas a onda de boatos no país, o medo da quinta coluna, o blecaute em nossas cidades litorâneas, já a construção de abrigos antiaéreos nos edifícios ainda não concluídos, tornaram aqueles dias plenos de expectativas e inquietações.

Por fim, a notícia do torpedeamento de navios mercantes brasileiros em mares nordestinos abateu-se tão fortemente sobre todos, que os rotarianos logo decidiram constituir uma comissão especial para levantar fundos, com que se pudesse doar às Forças Armadas uma poderosa arma de guerra, capaz de lavar a honra nacional.

Grande foi à quantia arrecadada e, ao final, sobrevivendo a razão, resolveu a comissão que o dinheiro deveria ser entregue ao recém-criado Ministério da Aeronáutica para aquisição de um avião ambulância, que seria usado para salvar vidas, de quaisquer dos lados, e não para causar a morte ou a destruição. Os frutos daquela vitoriosa campanha permitiram, não apenas a compra do "Ana Nery", doado à FAB em outubro de 1943, como também a aquisição de dois aviões de treinamento P-40, batizados com os nomes de "PRACINHA" e "TENENTE MARCIO PINTO". Quando da solenidade de entrega dessas duas aeronaves, em junho de 1945, presentes as mais destacadas autoridades da FAB, rotarianos e familiares, o saudoso companheiro Norberto Pinto Junior, do Rotary Club de Juiz de Fora, em sua oração, reverenciando a memória de todos os pracinhas que haviam derramado o seu sangue em terras da Itália, desfraldando a bandeira da liberdade, dentre eles o Tenente Márcio Pinto do Exército Brasileiro,

seu próprio filho, dizia, sob forte emoção: "deixo aqui o meu agradecimento, na esperança de que esse avião, em cuja carlinga está gravado o nome do mais humilde soldado do Brasil, bem assim todos os demais aviões da gloriosa Força Aérea Brasileira, não sejam no futuro portadores do horror e da destruição, mas os mensageiros da paz, da amizade e da confraternização entre os povos da terra".

# CIVISMO

NOSSO CLUBE E OS SÍMBOLOS CÍVICOS Devemos lembrar o quanto o Rotary Club do Rio de Janeiro tem contribuído para ao culto aos símbolos nacionais. Em 19 de novembro de 1925, nos primórdios do Rotary em nossa terra, realizou o clube a sua primeira festa cívica e o fez em comemoração ao Dia da Bandeira, para o que foram convidadas altas autoridades e indicado, como orador, o eminente rotariano Dr. Reynaldo Porchat, presidente do Rotary Club de São Paulo. No que se refere à saudação que prestamos ao Pavilhão Nacional, no início e término de todas as nossas reuniões, constitui se numa praxe iniciada em 1929, por proposição de nosso companheiro Jorge T. Wishart, estendida depois a todos os clubes de Rotary do Brasil por recomendação da 1ª. Conferência Rotária do Distrito 63, parte brasileira.

Em 9 de setembro de 1937, para marcar a presença de Maurice Duperrey ao nosso clube, resolveu o então presidente do clube, Ignácio Azevedo do Amaral, mandar colocar, entre as bandeiras coloridas de nossa panóplia, um grande mastro central, para que a nossa bandeira pudesse ser saudada, antes e depois de todos os nossos trabalhos, ao ser içada e arriada, com maior pompa. Essa prática foi enriquecida por Condorcet Rezende, em 1979, introduzindo o içar e o arriar ao som do Hino à Bandeira. Também não podemos esquecer que, sempre que se saúda as Nações Unidas no seu dia, antes do início das reuniões, introduzimos no plenário, sob palmas vibrantes, a bandeira do Brasil, seguida, uma a uma, de todas as demais bandeiras nacionais de nossa panóplia.

## **GRANDES OBRAS SOCIAIS**

### **NOSSA CASA DA AMIZADE**

E não foi apenas o SOS que as senhoras dos rotarianos doaram a cidade do Rio de Janeiro. É preciso que recordemos, também, as Casas da Amizade. A primeira delas foi fundada por um grupo de senhoras, lideradas por Nair Valente, esposa de nosso saudoso companheiro Francisco Machado Valente, e destinava-se, inicialmente, a congregar as esposas dos rotarianos de nosso clube, para confecção de enxovais para gestantes carentes e obras sociais de toda a sorte. Já, agora, sob a denominação de Casa da Amizade da Família Rotária do Rio de Janeiro, reunindo as esposas dos rotarianos de todo o município do Rio de Janeiro, desenvolve, em ambiente de plena alegria e satisfação, um notável trabalho filantrópico de apoio a centenas de asilos, escolas e hospitais, doando enxovais, cobertores, instrumentos cirúrgicos, alimentos etc., além de promover, todos os anos, no Natal, belíssimas festas para as criancinhas asiladas de nossa cidade.

Nilza Frias, esposa de nosso companheiro Eduardo Cropalato Frias, celebrando o 42º aniversário da Casa da Amizade em 1990, na qualidade de sua Presidente, falando de Nair Valente e daquelas abnegadas fundadoras, comoveu por demais o plenário do nosso clube, ao recitar um poema de Helena Ferraz, que, em certo trecho, dizia: "Olhemos para a criança. Preservemos o seu destino. Possui ninhos de esperança. Seu coração pequenino. E olhemos principalmente a criancinha seminua, que sujinha e indiferente anda na rua".

## **GRANDES OBRAS SOCIAIS**

### **O SOS**

Na época, em que as mulheres ainda não podiam ingressar no nosso clube, as coisas do Rotary não eram feitas tão somente pelos rotarianos. Também às suas esposas, que com eles partilham do ideal rotário na atividade do dia-a-dia, devem ser creditadas grandes realizações. Em nossa cidade, basta lembrar a maior delas, a mais antiga e benemérita. Refiro-me ao SOS - Serviço de Obras Sociais, fundado, em 11 de agosto de 1934, por inspiração de um grupo das nobres Enfermeiras da Saúde Pública, lideradas pela Sra. Edith Fraenkel. Inúmeras outras damas, e também cavalheiros, muitos deles rotarianos do nosso clube, juntaram-se, dando apoio a esta iniciativa, e assim foi possível tornar realidade o sonho das Enfermeiras da Saúde Pública e melhor atender a uma vasta parcela da população carente do Rio de Janeiro.

Desde a sua fundação, o SOS recebeu o apoio do Rotary Club do Rio de Janeiro, nas pessoas dos rotarianos, como mencionado, e outros, que figuram, também, na lista dos grandes beneméritos daquela instituição. Na época o SOS fundou sua Associação de Escoteiros do Mar (1942), trabalhou em auxílio das famílias dos brasileiros, civis e militares, vítimas do torpedeamento de nossos navios em mares do nordeste (1942) e inaugurou a Enfermaria Julius Weil na Vila SOS. Em 1952, com a fundação do Rotary Club de São Cristóvão, o apoio ao SOS passou a ser dado pelo novo clube afilhado, não apenas porque aquela instituição se localiza em território sob jurisdição de São Cristóvão, como, também, e, sobretudo, porque entre os seus associados sempre houve rotarianos altruístas e generosos. O SOS, que atende hoje, entre outras, nove comunidades faveladas de grande densidade demográfica, é, certamente, para orgulho dos rotarianos do Brasil, "a semente que se tornou árvore e o regato que se tornou rio", como disse, certa vez, o nosso decano Augusto Niklaus, também benemérito.

# **ATUAÇÕES E INTERVENÇÕES NA COMUNIDADE**

Relação e breve descrição das ações desenvolvidas

# **INICIATIVAS E CAMPANHAS**

Relação e breve descrição das ações desenvolvidas

# **AMEAÇAS SOFRIDAS E SUPERADAS**

Breve descrição das dificuldades ocorridas e das ações desenvolvidas

## **ROTARY NO BRASIL. ILEGAL E PROIBIDO!**

Cumpra lembrar a aflição por que passaram os rotarianos de todo o Brasil, em 18 de abril de 1938, com a assinatura, pelo Presidente Vargas, do Decreto-lei 383, que proibia o funcionamento, no território nacional, de sociedades, entidades, clubes, fundações e todo e qualquer estabelecimento vinculado a organismos internacionais, que tivessem entre seus objetivos a divulgação de ideologias políticas ou que professassem ideias ou filosofias originárias em instituições estrangeiras. Esse instrumento de lei abalou, fortemente, o movimento rotário brasileiro e repercutiu além fronteiras. Alguns clubes suspenderam suas sessões e muitos rotarianos se demitiram, especialmente aqueles ligados a órgãos de governo. O nosso clube ressentiu-se profundamente desse episódio, pois o próprio presidente e alguns diretores tiveram que renunciar, o que nos obrigou a eleger novos membros para o Conselho Diretor.

As dificuldades pareciam insuperáveis e, mais uma vez, o Clube do Rio assumiu a missão de contornar a situação, já que se encontrava bem mais perto dos governantes do país. José Nascimento Brito, nosso governador, requereu um prazo para que o Rotary se adaptasse à nova situação, enquanto Jô, Rodrigo Octavio e Amarante, os "três batutas", procuravam desesperadamente, entre seus amigos do governo, fórmulas que os ajudassem a superar o impasse. E ela foi obtida, sujeita todavia à aprovação final de Rotary International, através de uma modificação na redação de um dos artigos de nossos Estatutos, em que a vinculação, por filiação, à Rotary International, por sugestão de nosso grande amigo e sócio honorário Francisco Negrão de Lima, transformou-se em vinculação por cooperação. Há nos arquivos do clube, muito bem guardada pela Comissão de Preservação da Memória do Rotary Club do Rio de Janeiro, uma folha de papel muito antiga, rascunhada com a letra do próprio Negrão de Lima, com as benfazejas sugestões que salvaram o Rotary do Brasil.

Felizmente, tanto o Ministro da Justiça quanto o Rotary International entenderam que aquela modificação semântica solucionaria definitivamente a questão.

## **JEAN E PAUL HARRIS NOS VISTAM**

A visita de Paul Harris e sua querida Jean ao Brasil pode ser considerada como o mais importante acontecimento rotário experimentando pelos rotarianos daquela época, não somente porque estavam conhecendo, de perto, o fundador de uma organização que, nascida despretensiosamente numa cidade dos Estados Unidos, logo se espalhava por todo o mundo, mas sobretudo porque Paul e Jean eram de fato criaturas muito especiais. Sim, Paul Harris era um homem notabilíssimo, um ser predestinado, de compleição quase frágil, não muito alto, simples, caipira mesmo, cujos olhos azuis, vivos e penetrantes, logo inspiravam a todos confiança e entusiasmo, ao mesmo tempo em que irradiavam paz e tranquilidade.

Paul Harris, no Rio de Janeiro, foi recebido por rotarianos solícitos e entusiasmados, entre eles os chamados de "batutas do Rotary", a saber, Rodrigo Octavio, Jô Fernandes e Alberto Amarante, sem que se possa esquecer a figura nobre e imponente de Augusto Niklaus. Paul cumpriu uma pesada agenda no Rio de Janeiro, sendo recebido pelas mais altas autoridades do país, inclusive por Getúlio Vargas, em Petrópolis, mas não deixou de vivenciar a intimidade familiar dos rotarianos que o acolheram. Assim, Jean e ele participaram da festa de aniversário de Carmencita, filha de Niklaus, saborearam taças de chá oferecidas por Jô e Suzie e, em Petrópolis, hospedados por eles, lhes foi preparada uma autêntica feijoada brasileira.

Ao deixar o Brasil, proferiu Paul Harris sua mensagem de despedida através do microfone do Departamento Nacional de Propaganda, na Hora Nacional, dizendo-se altamente impressionado com a cidade de Santos, onde desembarcou, com seu moderno porto pleno de navios carregados de mercadorias destinadas a todas as partes do mundo, e com as terras altas do planalto paulista, onde as plantações de café se estendem por milhares de acres, assegurando ao mundo um suprimento inexaurível do precioso líquido. De São Paulo, disse-nos de sua surpresa ao constatar que, em pleno coração do Brasil, erguia-se uma das mais modernas e industrializadas cidades da época, muito mais racionalmente urbanizada e estruturada do que a sua própria Chicago. E do Rio, disse simplesmente maravilhas. Disse mais: "Jean e eu sabíamos, por amigos, que iríamos ver aqui uma das três mais belas cidades do mundo. Mas eles estavam enganados. O Rio de Janeiro não é absolutamente uma das três, mas a mais bela cidade da terra. Agora, sim, podemos voltar felizes para os Estados Unidos. Jean e eu".

## VISITANTES ILUSTRES

Outro grande acontecimento, ocorrido sob à presidência de Américo Campelo, foi a visita ao nosso clube do General Carlos Rômulo, representante das Filipinas junto à ONU e presidente da 4ª Assembleia Geral das Nações Unidas. A ocasião exigia a presença do Presidente da República, que se fez acompanhar por ministros de Estado, magistrados, representantes do corpo diplomático, congressistas e altas patentes militares. Escolhido o Teatro Municipal como local da solenidade, programada para o dia 24 de outubro de 1950, são nomeados oradores o nosso companheiro Assis Chateaubriand, diretor dos Diários Associados, e Carlos Luz, que viria a ser, pouco depois, Presidente da República. Carlos Luz fala sobre a importância das Nações Unidas, enquanto que Assis Chateaubriand enaltece ainda a atuação do homenageado frente à 4ª Assembleia que acabara de suceder e conclui: "só me resta agora prestar uma homenagem a Senhora Carlos Rômulo,

também presente entre nós, e o farei chamando-a, carinhosa e respeitosamente, de "Iracema do Pacífico". Consta que a Senhora Rômulo era uma mulher extremamente formosa, o que explica aquele gentil galanteio de Chateaubriand. Seguiu-se, como de praxe nas reuniões mais antigas de nosso clube, uma hora de arte, quando foi apresentado o bailado Bodas de Aurora pelo Corpo de Baile de Teatro Municipal, com música de Tchaikowsky, e, por fim, a Apoteose às Nações Unidas, sincronizada com o Hino ao Sol de Mascagni. Em março de 1951, Afonso Arinos de Melo Franco vem ao plenário do Clube do Rio para falar sobre a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela ONU em 10 de dezembro de 1948, documento cuja elaboração contou com a "liderança vital do Brasil, através da inteligência de Austregésilo de Athayde", nas palavras do Presidente Jimmy Carter. E inúmeras vezes tivemos a honra de ter como orador do dia o próprio Austregésilo para falar sobre os direitos universais, que se confundem com os ideais do Rotary.